

VERA CRUZ

1949/1954 UM SONHO DO CINEMA BRASILEIRO

No final da década de 1940, o anseio de modernização envolvia uma disputa entre Rio e São Paulo pela hegemonia cultural. A rádio Nacional, iniciativa governamental, já havia se consolidado na década anterior e o cinema se transformara num bem de consumo de massa: as chanchadas da Atlântida lotavam as salas de cinema de todo país, numa distribuição eficiente do empresário Severiano Ribeiro, do Rio de Janeiro, que cuidava também da exibição e da produção.

Nesses primeiros anos do cinema falado, porém, a produção paulista foi quase inexistente. Para reverter esse cenário, havia o desejo em São Paulo de materializar uma concep-



Fotos: reproduções do livro Vera Cruz / Sérgio Martinelli

Cartaz do filme *O cangaceiro* de Lima Barreto, premiado no Festival de Cannes

ção de cultura cosmopolita e urbana que correspondesse à representação que a sociedade paulistana – e, mais que ela, a nova burguesia industrial – tinha de si própria. Com o projeto de criar um cinema de qualidade para o país, o industrial de ascendência italiana, Francisco Ciccilo Matarazzo Sobrinho,

convida seu amigo de infância, o engenheiro Franco Zampari, para fundar a Cia. Cinematográfica Vera Cruz em 1949.

O modelo que inspirou a criação da Vera Cruz foi Hollywood, mas a mão-de-obra qualificada foi importada da Europa. Mais de 25 nacionalidades chegaram a trabalhar na companhia. A dupla de origem italiana sonhava trazer para o ABC paulista a posição ocupada pela carioca Atlântida. Para dar início ao projeto, Ciccilo cedeu parte do terreno de sua granja, em São Bernardo do Campo (SP), para erguer os estúdios da Cia. Cinematográfica, que durou até 1954. Um grande estúdio foi montado, com dimensões que impressionam até os dias de hoje. Numa área de 100 mil metros quadrados e um investimento de 7,5 milhões de cruzeiros – uma fortuna para a época – os estúdios receberam equipamentos importados, os melhores disponíveis no exterior. Além dos equipamentos, a primeira grande “importação” de talento foi do diretor Alberto Cavalcanti, um brasileiro que começou sua



Tônia Carrero em *Apassionata*, de 1952. Atriz foi uma das principais estrelas da Vera Cruz



Fotos: reproduções do livro Vera Cruz / Sérgio Martelli

Cenas do premiado *O cangaceiro*, com Alberto Rushell e Marisa Prado

carreira na década de 1930 na França, em produções dos estúdios franceses de Joinville, e se consolidou como um grande nome da renovação do documentário britânico. O montador Mauro Alice, que participou no primeiro filme do diretor, *O caiçara*, como ajudante de projeção para mixagem do estúdio de som, lembra da excelência técnica para a época. “Já se trabalhava com 13 cabeças de som, o que só recentemente foi usado em algumas produções”. Alice montou vários filmes, desde os de Mazzaropi aos do diretor Hector Babenco, inclusive o mais recente *Carandiru*. De 1949 a 1954, a Vera Cruz realizou 22 filmes de longa-metragem. Apesar de ter durado pouco, a qualidade técnica e artística marcaram época, os filmes ganharam prêmios internacionais e comprovaram a viabilidade do cinema brasileiro. Mas o sonho de uma grande indústria cinematográfica durou poucos anos. Em 1954, a Companhia Vera Cruz entrou em declínio. Entre os motivos de sua decadência está a ausência de

um sistema próprio de distribuição. Distribuidores e exibidores – Columbia e Universal – ficavam com mais de 60% da arrecadação. Havia ainda a dificuldade de colocar o filme brasileiro no competitivo mercado internacional. A companhia sofreu, também, a concorrência desigual com os filmes estrangeiros no Brasil. O fracasso comercial da Vera Cruz – apesar do sucesso artístico e de público – mostrou a impossibilidade de sobreviver numa estrutura que não remunerava corretamente a produção. A herança da Vera Cruz está presente até hoje, após cinquenta anos, no cinema publicitário paulista, praticamente fundado pelos técnicos estrangeiros trazidos para compor seu quadro de funcionários, formados no ideal do rigor tecnológico fomentado pelos seus modernos laboratórios. Propiciou, também, o aparecimento de uma geração de cineastas importantes para o país. Alguns estudiosos chegam, inclusive, a atribuir o mérito da criação de um novo gênero cinematográfico, o filme de cangaço, ao *O cangaceiro*, de Li-

ma Barreto, um filme que, com *Sinhá moça*, de Tom Payne, também de 1953, abriu espaço no exigente circuito europeu, além de ter obtido a primeira grande premiação internacional de nosso cinema.

O cangaceiro recebeu o prêmio de melhor filme de aventura no Festival de Cannes e faturou, só no mercado brasileiro, US\$ 1.5 milhão. Rendeu à Vera Cruz, porém, apenas US\$ 500 mil desse total, pouco mais da metade do custo do filme que foi de US\$ 750 mil; já no exterior, na década de 1950, foi considerado uma das maiores bilheterias da Columbia Pictures. Mesmo assim, nenhum dólar a mais veio para a Vera Cruz, pois toda comercialização internacional pertencia à distribuidora norte-americana. No auge do sucesso, a Vera Cruz estava financeiramente quebrada. Pode-se dizer que o seu maior sucesso virou seu maior prejuízo, acelerando definitivamente sua falência em 1954.

Wanda Jorge